



Benjamin Moraes

BENJAMIN MORAES — TRAÇOS PARA O PERFIL DE SUA VIDA E OBRA

Licínio Leal Barbosa*

Na sua monumental obra “A Cultura Brasileira — introdução ao estudo da cultura no Brasil”, o eminente mestre da Universidade de São Paulo, Fernando de Azevedo, após abordar a importância dos fenômenos econômico e político, na vida de um povo, sentencia, com absoluta propriedade:

“Mas uma sociedade, se quer preservar a sua existência e assegurar o seu progresso, longe de contentar-se como atender às exigências de sua vida material, tende a satisfazer às suas necessidades espirituais, por uma elite incessantemente renovada, de indivíduos, sábios, pensadores e artistas que constituem uma certa formação social, acima das classes e fora delas”. (*In op. cit.*, 3. ed. rev. ampl. São Paulo, Melhoramentos, p. 28).

Pó e estrela, o homem não pode circunscrever suas cogitações ao pão-de-cada-dia, embora imprescindível à sua subsistência. Sua nostalgia do eterno leva-o, a todo instante, a perquirir o ignoto, ampliando os horizontes de sua visão intelectual, e a saciar sua fome do pão-do-espírito.

Com efeito, a história do homem, na face da terra, seria incompleta se, ao lado das guerras de conquista ou de vingança; de sua saga na construção e distribuição das civilizações; do levantamento e solução de seus problemas — não figurasse a luta da humana criatura pela decifração dos enigmas da vida na terra como uma unidade cósmica. Essa inquietação do ser humano se cristaliza nas meditações do pensador, na iluminação do sábio, nas fantasias do artista. Felizes, pois, dos homens que, artistas, sábios ou pensadores, inter-

* Livre-Docente de Direito Penal, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás.

pretam, com maior ou menor fidelidade, o drama e a tragédia do homem, em sua ânsia incontida de superar-se, diuturnamente. Mais felizes, ainda, aqueles que, privilegiados da Providência, são, ao mesmo tempo, homens de ciência, pensamento e ação, envolvendo todas essas atividades intelectuais no suave aroma da poesia.

Estas cogitações me acodem à mente, com grande intensidade, agora, quando, o Brasil inteiro, num gesto muito espontâneo, se reúne, em espírito, para a homenagem, que é retribuição, pelo jubileamento no magistério, e pelo jubileu de ouro no ministério, desse jovem septuagenário, Benjamin Moraes Filho.

De mediana estatura, robusto mas preservando a esbelteza da compleição e a elegância do porte, o Prof. Benjamin Moraes impressiona, logo à primeira vista, pela postura impecável, que revela o esmero no trato do corpo e do espírito. Em verdade, como já assinalou, com objetividade, Ester Kosovski, o Prof. Benjamin se apresenta ordinariamente, de “tomo escuro, camisa imaculadamente branca, sapatos lustrosos e gravata sóbria, (e) tem uma aura boa de limpeza de corpo e alma”. Seu rosto helênico, no qual fulgem buliçosos olhos azuis, denuncia — antes, o nórdico, no róseo das faces em que se destaca a pele fina, que o mineiro sagaz, cujo rosto, emoldurado por uma enevoadada cabeleira, sintonizada com o branco impecável do bigode aparado com esmero e discrição, — é a própria imagem da bondade cristã.

Não fossem os óculos que, invariavelmente, porta, e nada denunciaria, nessa robusta figura de varão, qualquer traço de desgaste, provocado pela implacabilidade do tempo.

Na verdade, esse ariano transmigrado para o Brasil, nasceu em Lavras, num feliz 19 de julho de 1905, filho caçula do casal presbiteriano Benjamin e Adélia.

Em sua terra natal, iniciaria os primeiros estudos, no Grupo Escolar “Firmino Costa”, indo continuá-los, mais tarde, nas Escolas “Benedito Ottoni” e “Epitácio Pessoa”, e no Ginásio “Pio-Americano”, do Rio de Janeiro.

Aos 15 anos, concluiria o segundo grau. E, imediatamente após, ingressaria no curso superior, matriculando-se na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil.

Aos 18 anos, emancipa-o, o genitor, que, no ano seguinte, é chamado ao seio do Criador.

Pobre e desempregado, e com uma tendência irresistível para o autodidatismo, aprende, rapidamente, os misteres da taquigrafia. E, enquanto as-

siste às aulas, registra-as, com mestria, reúne-as, com prévia licença dos lentes, em apostilas, que vende a preços módicos, a seus colegas e, com isso, amealha o indispensável para viver com sobriedade mas sem perda de sua dignidade pessoal.

No ano de 1933, dá um passo significativo em sua vida: consorcia-se a D. a Haydéa Vieira, filha do casal presbiteriano Anníbal-Margarida. Desse co-núbio feliz nasceriam duas filhas: Lenita, que seria mãe de Lícia (casada com Otávio Nascimento Brito), Cely, Liana e Carlos Mauro; e avó de Diego. E Leila, casada com o Advogado Derek Knigth, união da qual brotariam Patrick, Suzana e Valerie.

Ao tempo em que cursava Direito, o jovem Acadêmico frequentava, e com grande empenho, o Seminário Unido (então Faculdade Evangélica de Teologia), e o CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, concluindo, com brilhantismo, esses três cursos.

Quarenta e oito anos mais tarde, seria D. a Haydéa, dedicada companheira do Prof. Benjamin, que relembriaria, em página comovente repassada de ternura:

“Foi um dia lindo para mim,
“Quando descobri que te amava!

“Num canto, junto à janela, conversando,
“Percebemos que nossa amizade
“Crescera demais,
“e se tornara um grande e puro amor.

“Foi maravilhoso! Então começamos a sonhar.
“Sonhamos muito, planejando nossas vidas.
“Éramos tão jovens. . .

.....

“Fomos aprendendo, descobrindo, trabalhando,
“Sempre unidos, sempre juntos, sempre louvando a Deus.
“Querido, gostaria de lembrar agora, muitas coisas,
“Mas cansaria, talvez.
“Hoje, que é teu dia,
“quero dizer-te: *Que te amo muito mais*”.

Para o *bonus pater-familias*, que o Prof. Benjamin encarna, não poderia haver maior recompensa, que o testemunho insuspeito de sua companheira de todas as horas, no ano de seu jubileu ministerial.

II

Difícilmente se encontram, numa só pessoa, tantas qualidades positivas, quanto as de que é titular o Prof. Benjamin Moraes Filho. Depositário de múltiplos talentos que lhe exornam a personalidade multifária, não se saberia dizer qual o traço preponderante de seu facies intelectual e moral.

Em verdade, nessa prodigiosa criatura, o jurista/erudito, o *magister* completo, o homem público ilibado, o literato inspirado, o advogado percuciente, o conferencista envolvente, o pastor amigo se mesclam e interpenetram.

E é sobre cada um desses traços marcantes de sua exuberante personalidade, que agora se vai deter, na convicção de que somente o conjunto de todos esses atributos singulares é que permite formar, com nitidez, o perfil dessa figura impar.

1 – O Jurista

Seu acentuado pendor para as letras jurídicas se evidenciou, à saciedade, com a sua monografia de estréia, “Dos crimes sem Ação”, tese apresentada perante a Douta Congregação da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, com a qual disputaria, em 1941, a cátedra de Direito Penal, sagrando-se, então, Livre-Docente.

Logo depois, viriam “Vizinhança Inequívoca” e “Jurisdição Criminal”, “Norma Penal”, “Direito Penal”, este em quatro volumes.

Quinhoado com bolsa de estudos para os Estados Unidos da América, obteria pós-graduação em Criminologia e Pedagogia na “George Peabody College for Teachers”, de Nashville, Tennessee.

No ano de 1965, participaria, como Delegado do Brasil, do “III Congresso das Nações Unidas”, sobre “Prevenção do Crime e Tratamento do Delinquente”, realizado em Estocolmo, Suécia.

Durante o período de 1964 a 1968, seria Diretor do “Instituto de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro”, bem assim Diretor da “Revista Brasileira de Criminologia e Direito Penal”, que pereceu, após o cumprimento de seu mandato, como frequentemente ocorre, entre nós, com periódicos científicos.

Em 1969, participaria da revisão do Projeto do Código Penal Militar, para cuja promulgação, através do Dec.-lei 1001, de 21.10.69, seria especialmente convidado.

Autor do Anteprojeto de Código das Execuções Penais, publica-o, o Governo Brasileiro, no ano de 1970, a fim de receber sugestões, com vistas a sua adequação ao Código Penal, promulgado pelo Dec.-lei 1004 de 21.10.69, do qual fora, igualmente, revisor. Também contribuiria para a revisão dos Anteprojetos da Lei das Contravenções Penais, e do Código de Processo Penal.

Designado, em 1981, para integrar a Comissão Ministerial que, sob a Coordenação do Prof. Francisco de Assis Toledo, elaboraria o Anteprojeto de Lei de Execução Penal, apresentaria sólida contribuição, ora em estudo no Ministério da Justiça.

No que tange ao movimento jurídico-penal que, em Goiás, se vem realizando, nas últimas duas décadas, sua presença tem sido constante e das mais expressivas. Assim é que, já no ano de 1973, participaria, com outros eminentes penalistas, da fundação do "Instituto Brasileiro de Ciências Penais", - assinando, com Manoel Pedro Pimentel, Everardo da Cunha Luna, Alcides Munhoz Neto, Odin Indiano do Brasil Americano e outros, a "Moção de Goiânia", que influenciaria poderosamente nos estudos visando à reformulação do sistema penal brasileiro. Dois anos após, aqui voltaria para se integrar as "II Jornadas Latino-Americanas de Defesa Social" ("Deuxièmes Journées de Défense Sociale en Amérique Latine"), juntamente com penalistas, criminólogos e médico-legistas do Brasil, da Europa e da África, para debater amplo tema tendo como centro os *delitos de circulação*, - simpósio presidido pelo saudoso Senador Accioly Filho. E, mais recentemente, figuraria entre os expoentes das ciências penais que vieram a Goiânia para o "Seminário sobre a Reforma Penal", realizado, sob minha coordenação, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás, ocasião em que firmaria, com os seus pares, a "Moção de Goiânia II", e seria escolhido para presidir o Conselho do Instituto Brasileiro de Ciências Penais.

Perito das Nações Unidas para a prevenção aos crimes e tratamento do delinquente, foi, também, Presidente do Conselho Penitenciário do Rio de Janeiro, recebendo, como galardão, a Medalha "Ordem do Mérito Penitenciário", conferida pela Secretaria de Justiça daquela unidade federativa.

Mais recentemente, seria nomeado, pelo Ministro da Justiça, membro do Conselho Nacional de Política Penitenciária, órgão com jurisdição sobre todo o território nacional.

2 – O Magister

Sua vocação para o magistério se revelaria precocemente. Antes dos trinta anos de idade, no ano de 1939, abriam-se-lhe as portas da Faculdade Nacional de Direito, para, ali, lecionar Direito Penal, passando, quatro anos após, a ensinar Direito Judiciário Penal. Também professor de Direito Penal, na Faculdade de Direito da Universidade do antigo Distrito Federal, efetivava-se, como Catedrático, na Faculdade Nacional de Direito da antiga Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 1967.

Suas frequentes viagens ao exterior, como congressista e conferencista, fê-lo Professor Efetivo do “Haggai Institute”, de Cingapura.

Vice-Reitor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, exerceria, por várias vezes, a titularidade do Reitorado; e, nessa condição, seria membro do seu Conselho Universitário.

Preocupado com o ensino do segundo grau, publicaria, de 1935 a 1939, toda uma coleção, intitulada “Curso Secundário”, constituída de dezoito volumes. E, duas décadas mais tarde, “A Educação Sexual do Brasil”, à época mais que agora, matéria polêmica, que o mestre abordaria com habilidade e segurança.

Professor de Direito Penal Militar, e de Direito Penal Comparado, nos Cursos de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desse primoroso educador diria sua discípula Ester Kosovski:

“Um filósofo de muitas línguas, um liberal que abriga em seu coração muita gente. Um ser humano admirável, de vasta cultura, lúcida inteligência, enorme comunicação, palavra fluida e candente, emoção contagiante, didático e meticuloso, adorado por dezenas de milhares de alunos e ex-alunos espalhados por este Brasil afora e também no exterior”.

Esse o perfil do *magister*, que o Brasil inteiro venera.

3 – O Homem Público

Tão prodigamente dotado de inteligência, cultura e sensibilidade, seria de estranhar que o Prof. Benjamin ficasse olvidado da administração pública. Famoso na cátedra e na tribuna forense, convoca-lo-ia o Governo Federal para enviá-lo, como seu delegado, ao III Congresso das Nações Unidas sobre “Prevenção do Crime e Tratamento do Delinquentes”, realizado em Estocolmo, Suécia, em 1965.

Nesse mesmo ano, seria guindado à titularidade da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, servindo-se de seu mandato para construir mais de sessenta escolas, e iniciar a edificação de mais quarenta, inauguradas na gestão subsequente. Também nessa época, criou e organizou o Conselho Estadual de Cultura, de que foi Presidente.

Como Diretor da COPEG – Cia. para o Progresso do Est. da Guanabara, criaria a Carteira de Financiamento da Educação.

E na condição de presidente da COHAB – Cia. de Habitação Popular do então Estado da Guanabara, construiria cerca de vinte mil casas, destarte atendendo a, aproximadamente, cem mil favelados e outras famílias de escassa renda.

De sua atuação, à frente da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, disse-o, enfaticamente, o então Governador Francisco Negrão de Lima, num testemunho comovente, vasado na carta que lhe dirigiu a 14 de agosto de 1967:

“O pastor conheceu o poder e permaneceu pastor. As tentações do poder temporal não venceram a firmeza do caráter. Este ficou intacto, desambicioso, com segura percepção da eternidade do valor do trabalho em favor da educação, no poder ou fora dele: nos conselhos de Estado ou no púlpito”.

.....
“A verdadeira política deveria ser sempre a do pastor. A política assim exercitada ganharia em virtudes cristãs o que perderia em *virtù*, na expressão de Maquiavel. Ou seja: perderia as qualidades do *tipo governante*, a ambição e a vontade de alcançar o poder, pela força ou pela fraude”.

4 – O Literato

Desde o ano de 1935, o Prof. Benjamin começa a dar vazão a sua indisfarçável veia literária, publicando “A porta da Esperança”. Dois anos mais tarde, sairia a lume “Mãe Querida”, e logo mais, “Meu Natal”.

A convite do Governo do Paraná, participa, em 1978, como membro do júri do “I Concurso Nacional de Letras Jurídicas”, sob a égide da Secretaria de Justiça daquela unidade.

A consagração como literato viria com sua eleição para a “Academia Carioca de Letras”, de que seria, com justiça, presidente, anos mais tarde.

Membro da “Academia Brasileira de Literatura”, nela ocuparia a Cadeira 12, que tem como patrono o inolvidável Coelho Neto. Também integra-

ria a Ordem dos Velhos Jornalistas, de que seria Vice-Presidente, cargo que, igualmente, ocuparia, na “ABI – Associação Brasileira de Imprensa”.

Nenhuma outra produção ilustraria melhor sua marcada vocação literária que o soneto, de sua autoria, ungido de religiosidade.

A Nova Catedral

“Ei-la, que já se eleva, em sua majestade,
“A Nova Catedral, de gótica imponência,
“As torres a galgar, em fúlgida ascendência,
“Os píncaros do azul da vasta imensidade.

“Entrai! Vêde o vigor, a invencível potência
“Do gênio construtor da hodierna cristandade,
“Fulge em cada vitral o brilho da verdade,
“Vive em cada coluna a eterna resistência.

“Das rotundas ao lado, artísticas e belas,
“Rasgam-se d’alto a baixo as góticas janelas,
“Por onde o sol penetra, em jorros de ouro e luz!

“E em meio a tal fulgor, a tão sublime encanto,
“Num divino transporte, espiritual e santo,
“Refulge esplendorosa a Glória de Jesus!”

5 – O Advogado

As lides do magistério, as atividades do homem público não impediram ao Prof. Benjamin terçar armas, com assiduidade e vigor, da tribuna forense. Assim é que sempre manteve, quando não formalmente impedido por atividades administrativas, intensamente ativo, seu escritório advocatício, um dos mais prestigiosos da cidade do Rio de Janeiro.

E tal notoriedade alcançou, entre seus companheiros de atividade postulatória, que seria eleito, para o biênio 1965-1967, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Estado do Rio de Janeiro.

6 – O Conferencista

Poliglota, domina, além do Português, o Francês, o Espanhol, o Italiano, o Latim, o Grego, o Inglês, o Alemão, o Hebraico, o Yidish, o Sueco, o Russo, o Árabe, o Esperanto.

Não é de estranhar pois, que, com tamanha versatilidade linguística, fosse convidado a proferir, com assiduidade, conferências em várias partes do globo, além, naturalmente, de instado a fazê-lo em todos os quadrantes do território nacional.

Conferencista, desde 1969, da ESG – Escola Superior de Guerra, notadamente sobre os temas Ética, Moral e Religião, dentre outros, deixou, igualmente, suas pegadas nas Américas, na Europa, Ásia e África, seja como conferencista, seja como participante de Congressos, sempre a desempenhar papel de relevo.

Eis algumas pegadas de seu roteiro, como conferencista, ou como congressista:

Nas Américas:

Evanston, Illinois; New Haven, Connecticut; Princeton, New Jersey; Fort Wayne, Indiana; New York, nos Estados Unidos da América;
Buenos Aires, na Argentina;
Havana, Cuba;
Santiago, Chile;
Montreal, Canadá;
Lima, Peru;
Cidade do México, México;
Bogotá, Colômbia;
Montevideú, Uruguai.

Europa:

Amsterdã e Driebergen, Holanda;
Edimburgo, Escócia;
Londres, Inglaterra;
Frankfurt e Hamburgo, Alemanha;
Estocolmo, Suécia;
Lausanne, Suíça.

Ásia:

Bombaim e Hubli, Índia;
Jerusalém, Israel;
Kandi, Sri Lanka (antigo Ceilão);
Cingapura, Cingapura;
Chiang Mai, Tailândia;

África:

Cairo, Egito;

7 – O Pastor

O Prof. Benjamin Moraes Filho, estava, desde o berço, visceralmente comprometido com o ministério. Nascido de um lar presbiteriano, recebeu o batismo nessa confissão religiosa, pelas mãos do Rev. Sammuell Gammon. Seus estudos de primeiro e segundo graus fê-los, ambos, em escolas presbiterianas. Tanto que, ao ingressar no Curso de Direito, decidiu entrar, também, para a Faculdade Evangélica de Teologia, hoje Seminário Unido, do Rio de Janeiro.

Já presbítero, estréia no púlpito da Igreja do Rio, em 1931, escolhendo como tema a epístola de Paulo aos Gálatas, capítulo 6, versículos 11 a 17, a mesma mensagem, em nova dimensão, que espargiria em seu jubileu de ouro ministerial.

A beleza do texto sugere sua transcrição:

“11. Vêde que carta vos escrevi de minha própria mão.

“12. Porque todos os que querem agradar na carne, estes vos obrigam a que vos circuncideis, só por não padecerem eles a perseguição da Cruz de Cristo.

“13. Porque esses mesmos, que se circuncidam, não guardam a Lei: Mas querem que vós vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne.

“14. Mas nunca Deus permita que eu me glorie senão na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo: Por quem o mundo está crucificado para mim, e eu crucificado para o mundo.

“15. Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem nada, mas o ser uma nova criatura.

“16. E a todos os que seguirem esta regra, paz, e misericórdia sobre eles, e sobre o Israel de Deus.

“17. Quanto ao mais ninguém me seja molesto: Porque eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus” (Tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, Editora das Américas, S. Paulo, vol. XII, pág. 65 e 66).

Cinco anos mais tarde, era eleito Pastor Auxiliar da Igreja Presbiteriana de Copacabana, ao lado do Rev. Paulo César e, logo depois, escolhido para compor o Supremo Concílio da Igreja, onde, também, exerceria o cargo de Secretário-Geral da Mocidade Presbiteriana, o que lhe possibilitou organizar núcleos de Mocidades nas Igrejas disseminadas pelo território nacional, assinalando sua passagem pelo estatuto que legou às Mocidades Presbiterianas.

Com o decesso do Rev. Paulo César, foi eleito, em 1938, Pastor Efetivo da Igreja de Copacabana.

Começa, aí, uma luta afanosa, visando à construção do Templo definitivo da Igreja que inauguraria oito anos mais tarde.

No ano de 1941, chefiou a Delegação Brasileira ao “I Congresso Mundial da Juventude Cristã”, realizado em Amsterdam. E, na condição de Secretário-Executivo da Missão Evangelizadora de Portugal, da Igreja Presbiteriana do Brasil, viajaria a terras lusas.

Para a sagração do templo de sua igreja, em 1946, programou uma reunião do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, marco inapagável de sua trajetória missionária.

E quatro anos mais tarde, coroando seu trabalho pastoral, seria eleito presidente do Supremo Concílio, dotando-o de nova Constituição, de um Código Disciplinar e dos Princípios de Liturgia.

Também seria Presidente, por quase duas décadas, da Sociedade Bíblica do Brasil, responsável pela difusão do Livro Sagrado, por todos os recantos do País, sendo agraciado com o título de Presidente Emérito. E, ainda, Vice-Presidente da Assembléia Bíblica Mundial, sediada em Stuttgart, Alemanha.

Ao saudá-lo, no seu jubileu de ouro missionário, dele disse, contrito, o Rev. Nehemias Marien, atual Pastor da Igreja de Copacabana:

“Com a Graça divina, soubestes conduzir, com prudência e sabedoria, o abençoado ministério da vossa tão sagrada vocação. Os vossos cabelos se esbranqueceram na Seara do Senhor. Semeastes com lágrimas, não raras, e estais ceifando os louros de quem, com tanto zelo, militou o bom combate da fé. Abristes largos horizontes teológicos para a nova geração que hoje responde pela Igreja, firmando a mentalidade liberal, pluralista e ecumênica.

— “Beijamos a vossa mão como sinal do mais profundo respeito e gratidão de toda uma Igreja ao decano do nosso Concílio, patriarca do presbiterianismo nacional e maior patrimônio espiritual do evangelismo pátrio”.

III

Dentre as inúmeras atividades exercidas pelo Prof. Benjamin Moraes, — e das mais relevantes, se destaca a de examinador de candidatos ao magistério superior, bem como alunos dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, mestrado e doutorado. Talvez inexista, em todo o território nacional, uma só unidade federativa a que o Prof. Benjamin Moraes não tenha comparecido, para aferição de valores que despontem no campo das ciências penais.

A convite da Faculdade de Direito, da Universidade Federal de Goiás, aqui também esteve, o valoroso mestre, no cumprimento desse mister.

Na primeira metade dos anos setenta, juntamente com outros luminares das ciências penais, Manoel Pedro Pimentel, Luiz Vicente Cernicchiaro, Odín Indiano do Brasil Americano e Romeu Pires de Campos Barros, comporia, sob a presidência deste, a Banca Examinadora à qual se apresentaria, com a dissertação “Da pena, nas hipóteses de concurso”, o então Auxiliar de Ensino, lente nas Faculdades de Direito das Universidades Federal e Católica de Goiás, hoje Professor Titular da Universidade Católica, e Professor Adjunto da Universidade Federal.

Fruto de mais uma semente, dentre tantas outras semeadas pelo infatigável missionário do Direito, da Justiça e da Verdade.

E agora, quando o universo jurídico-penal, de nosso país, se curva perante a figura veneranda do Prof. Benjamin Moraes Filho, Goiás, por meu intermédio, o examinando de ontem, o discípulo de sempre, também se manifesta, fazendo coro às hosanas que se entoam ao Grande Arquiteto do Universo pela graça de haver concedido nascer em terras brasileiras, esse varão probo, paradigma de todas as virtudes, que Plutarco, se seu coevo, ao reescrever as “Vidas Paralelas”, certamente o incluiria na sua galeria de vultos ilustres.